

## Uma experiência com refugiados<sup>1</sup>

Aida Hanania<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo descreve a degradante situação psicológica a que as vicissitudes históricas podem reduzir a grandiosidade de um povo.

**Palavras Chave:** Refugiados palestinos. Devastação psicológica.

### *An Experience with Refugees*

**Abstract:** This article describes the devastating psychological effects of imposing lasting social injustice on a people, and how it destroys its greatness.

**Keywords:** Palestinian refugees. Psychological devastation.

Em setembro de 2007, ao ser convidada a recepcionar um grupo de palestinos vindos do Iraque para o Brasil, entendi que minha função seria a de traduzir seu idioma - do árabe para o português, portanto - ao acompanhá-los por ocasião do cumprimento das exigências burocráticas pertinentes a todo grupo de refugiados que se instala em nosso país.

A experiência deste contato ultrapassou o nível da transposição mecânica das línguas e constituiu-se numa vivência extremamente rica do ponto de vista do alargamento da visão do Outro e de suas circunstâncias.

Traduzir, aqui, significou – antes de mais nada – interpretar um mundo, uma cultura, uma escala de valores para, em seguida, tentar transmitir, de modo tão objetivo quanto possível, a expressão da realidade que me apresentavam seres humanos que viram suas vidas interceptadas pela guerra e que, agora, buscavam o rumo do recomeço no Brasil.

O presente texto não pretende analisar este encontro a partir de uma ótica específica, quer seja da antropologia cultural, da etnologia, ou ainda da psicologia social, para citar alguns dos ângulos que sua característica pode ensejar. O que me proponho é fazer um registro impressionista, algo descritivo até da situação vivenciada, sem a preocupação de situar as observações neste ou naquele escaninho, consciente, entretanto, de que as considerações procedem naturalmente de cada um, ou de todos eles...

O único ponto que quero destacar é a constatação de efeitos nem sempre lembrados – ao longo da trágica história recente dos palestinos – e que, para além da destruição material, traumas mais visíveis e mortes, produz uma devastação psicológica mais sutil, mas não menos real: a instalação na suspeita e na desconfiança, no ressentimento difuso, numa descabida mentalidade reivindicatória. O fato de isso ter ocorrido com os palestinos não indica nenhuma propensão desse povo a essa triste situação; muito pelo contrário: é uma disfunção psicológica, fruto de injustiça prolongada e que, aliás, situa-se no extremo oposto das qualidades naturais desse povo...

---

<sup>1</sup>. Originalmente, conferência da autora no “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”. São Paulo, 20-12-2012.

<sup>2</sup>. Profa. Titular aposentada da FFLCHUSP

Refletindo sobre a convivência estabelecida com os membros do grupo – de modo individual ou coletivo – pode-se afirmar que o palestino é forjado por um triplo orgulho: o de sua raça, de sua religião e de sua história, cuja grandiosidade – ainda que tenha conformado um destino trágico – inspira continuamente a superação e a afirmação distintiva de seu povo.

Os 57 refugiados que tive a oportunidade de conhecer, compunham o último contingente do acampamento de Rweished (localizado na região fronteira Iraque/Jordânia, onde se instalaram, após a queda de Saddam Hussein) e foram levados a Mogi das Cruzes, município situado a 1h de São Paulo, que abrigava já uma comunidade árabe e uma grande mesquita, centro de encontro essencial para minimizar a distância cultural entre os novos membros e sua terra de origem, facilitando assim a inserção do grupo no Ocidente.

Ao acolher o grupo, o Brasil, ao contrário dos demais países que igualmente aceitaram abrigar os palestinos, tais como Suécia ou Canadá, para lembrar alguns exemplos marcantes, não visou receber apenas elementos diferenciados instrucionalmente, que detinham uma qualificação profissional e força de trabalho, separando-os muitas vezes de seu núcleo familiar. Para cá, vieram famílias inteiras, com suas crianças e seus idosos ou a parte familiar remanescente daqueles que tinham emigrado para outras regiões, ou ainda, idosos solitários, porém todos bastante marcados pela situação de acampados durante 4 anos... em sequência a uma guerra que, mais uma vez, os alijava de seu contexto original.

Minha participação teve início ainda no aeroporto de Guarulhos, São Paulo, quando colaboramos para regularizar a situação dos refugiados junto à ANVISA.

Os primeiros traços de comportamento geral observados, foram a altivez - anterior à gratidão -, nenhuma euforia (como a mascarar qualquer indício de humilhação ou inferioridade que a situação pudesse lhes acarretar), além de um visível e cauteloso ar de desconfiança.

O acordo estabelecido entre os órgãos governamentais e os refugiados, operacionalizado pela Caritas, propôs a instalação das famílias/pessoas em morada digna (existentes para locação no mercado) compatível com as necessidades de acomodação, mobiliário essencial, eletrodomésticos mais utilizados (incluindo aparelho de televisão), um aparelho de telefone celular, enxoval indispensável (cama, mesa e banho), além de uma quantia mensal em dinheiro para o cabeça da família e de uma porcentagem desse valor para a esposa e para cada filho (variável conforme a idade de cada um). Ademais, teriam assistência médica, estendendo-se a gratuidade à aquisição de remédios e realização de exames, internações, partos, etc

Da mesma forma, seria assegurado ensino público a todas as crianças/adolescentes em idade escolar, bem como seriam providenciados documentos junto à Polícia Federal para facilitar a inserção no mercado de trabalho em nosso país.

Duas professoras, falantes de árabe, foram designadas para iniciar o grupo no aprendizado da língua portuguesa. Ao lado disso, foram doados Dicionários Árabe/Português pelo autor, Prof. Helmi Nasr (fundador do Curso de Árabe em caráter oficial da USP).

Foi intensa minha atuação junto aos membros do grupo, de setembro de 2007 a maio de 2008, quando, por motivos de força maior, tive que interromper o trabalho voluntário que vinha desenvolvendo.

Além de acompanhá-los às consultas para triagem no Hospital de Clínicas local (agendadas em horário especial e, conforme alguns casos, em regime de urgência), estava presente em toda realização de exames específicos e entrevistas

médicas. Colaborei com o grupo na orientação necessária à providência de documentos em São Paulo, junto à Polícia Federal.

Minha atuação incluía ainda, visitas semanais para avaliação do grau de adaptação/satisfação das famílias, quando acabava por fazer, em muitas situações, o papel de ‘assistente social’, ou de ‘psicóloga’...

A disposição de ouvir, de compreender, de tentar solucionar... moveram-me durante todo o tempo, mas não lograram minimizar o choque provocado pela constatação do nível de descaracterização do árabe palestino, tendo em vista sua grandiosa cultura milenar e os valores naturalmente presentes em seu “modus vivendi”: são proverbiais sua hospitalidade, amabilidade, cordialidade e a profunda generosidade.

Conta-se, e a literatura registra o fato, que o árabe, ainda nômade, jamais recusava pouso e descanso a quem quer que o procurasse e, a qualquer hora da noite, oferecia ao forasteiro sua tenda (resignando-se a passar para o lado de fora) e seu melhor camelo para alimentá-lo e só no dia seguinte, perguntava-lhe a que vinha, se seria amigo ou inimigo...

Na verdade, estas qualidades comportamentais, reveladas vez por outra, eram sempre sobrepujadas pelo sentimento de injustiça e o consequente sentimento de rejeição.

As reclamações eram constantes e as reivindicações contínuas. Quaisquer dificuldades geravam um descontentamento tal, que dificilmente se conseguia controlar: uma espera mais longa por atendimento médico, a “impossibilidade” de escolher a morada, a “insuficiência” de móveis e recursos à disposição...a “lentidão” na entrega do remédio...a “parca” “destinação de dinheiro”, a “dicção” da professora, a “distância” “da casa em relação à mesquita...” a “demora” na Polícia Federal e o atraso dos documentos devidos... tudo era motivo de revolta e de certo desprezo pelo país que os estava sediando.

É como se o período em que habitaram o deserto inóspito, abrigados em tendas, vitimados pelas tempestades de areia (que lhes roubavam, muitas vezes, os alimentos...); pelo calor intenso e pelo frio gélido; pelos insetos (escorpiões); pelo precário atendimento à saúde... por tantas vicissitudes enfim, é como se esse período fosse transitório para a recuperação do *status* que tinham anteriormente ao acampamento, o que certamente deveria se dar no país de acolhida...

Inesquecível a surpresa de um palestino, ao verificar que em sua casa - aliás uma das mais cômodas - não havia tapetes e tampouco cortinas...

A palestina, por outro lado, não entendia porque lhe deram um filtro (talha) “tão pequeno”, o que a obrigava a enchê-lo a todo momento... e os armários eram tão apertados, em que mal cabiam seus pertences ...

Certa vez, um membro do grupo precisou comprar cigarros à noite e para tanto, dirigiu-se a uma loja de conveniência em um posto de gasolina. Chegou exatamente quando a loja já estava fechada, embora houvesse uma pessoa ainda no caixa. Em seguida, surgiu um rapaz que, ao bater à porta, conseguiu entrar. Sem perceber que se tratava do dono que vinha encerrar o expediente, o palestino avançou no estabelecimento, chutando as paredes envidraçadas que ruíram, provocando enormes prejuízos e teve, por isso, que passar o resto da noite explicando-se na delegacia.

O processo de degradação humana vivido pelos palestinos levou-os a sérias disfunções, não-raro eclodindo em explosões psicológicas de difícil contenção.

Os momentos de nostalgia, entretanto, permitiam entrever os sonhos acalentados no campo de refugiados, a resignação que os apaziguava e a esperança que os animava. Ao chegar aqui, os palestinos deram mostras de que não distinguiram bem se haviam sonhado alto... ou se a imagem que fizeram do Brasil extrapolara os limites do possível... O fato é que tal conflito expôs as imensas dificuldades de aceitação de sua condição de ‘abrigados’, quando o passado glorioso de seu povo e sua história de vida comportava a liberdade de construir seu caminho e seu destino, a liberdade de ser, enfim.

Os brasileiros, que reconhecidamente têm semelhanças com o povo árabe, pois são igualmente afáveis, comunicativos, e generosos, mostraram-se, de modo geral, desejosos de aproximação e tentaram romper a distância cultural (sobretudo da língua) pela compreensão do olhar e pelo solidário acolhimento. Neste sentido, pude observar um belo exemplo: ao ver que sua vizinha palestina chorava, talvez de saudade, talvez de tristeza, uma brasileira apressou-se a trazer-lhe um bolo e o ofertou, acompanhado de café, permanecendo a seu lado até acalmá-la, sem que, para isso, tenha dito ou compreendido uma só palavra...

As crianças como era de se esperar, entenderam-se rapidamente com seus ‘pares’ e com dois ou três meses de Brasil, já falavam uma língua muito parecida com o Português...

O desenvolvimento do grupo e o modo de superação posto em prática nos últimos cinco anos, certamente acirra a curiosidade de quantos trabalhamos pela inserção harmoniosa do grupo palestino em nossa terra.

Um trabalho mais detido e atento aos fundamentos da antropologia cultural, seguramente contribuirá para a interação profícua do povo brasileiro com os povos que aqui se encontram, quer na condição de imigrante, quer na condição de refugiado.

É o que aguardamos ansiosamente.

Recebido para publicação em 12-11-12; aceito em 21-12-12